

Amarro pedras, cordões e o meu currículo em um

Abandonar um emprego no setor de marketing para ensinar mulheres brasileiras a fazer bijuterias não é uma decisão que se toma todos os dias, mas para Annemiek van Es foi um processo que ocorreu naturalmente. Hoje, ela tem um ateliê no Brasil em que coordena uma dezena de mulheres que trabalham na coleção de bijuterias da AVE (All Very Exceptional).

texto: Willem Boone
tradução: Elizabeth Pinheiro

Ela sempre adorou viajar e ao conhecer o Brasil pela primeira vez seis anos atrás, foi amor à primeira vista. "Todos falam com todo mundo, as pessoas são muito hospitaleiras e amigáveis. Em termos de humor e maneira de pensar, elas se assemelham aos holandeses. Gosto muito da Holanda, embora às vezes tenha a sensação de que aqui não é meu lugar, principalmente depois de conhecer o Brasil." Há cerca de três anos, ela retornou ao Brasil e se encantou com as pedras preciosas que viu em Salvador. "O problema era como obtê-las sem pagar preços de turista." No final, ela foi embora com 15 quilos de pedras em sua bagagem, "Doei minhas roupas aos moradores das favelas para criar espaço na mala."

Sentada em seu apartamento em Amsterdã, Annemiek Van Es narra de maneira leve e bem-humorada como descobriu sua missão: "Bem, lá estava eu em casa com um monte de pedras e sem saber o que fazer com elas. Mexendo com as pedras, acabei criando bijuterias." Do jeito que ela conta, parece muito simples, mas como começar algo assim? Não é necessário nenhum curso especial? "Sempre fiz trabalhos criativos, como fotografia e televisão, esta foi mais uma idéia que surgiu." Uma coisa leva a outra e recomendada por amigas, ela organizou uma exposição em junho de 2003, onde vendeu todas suas bijuterias. Para refazer seu estoque de pedras, retornou mais uma vez ao Brasil. Mas dessa vez, as coisas não foram tão simples, "devo ter cara de turista!"





Acabou recebendo ajuda do destino: após levar um tombo, ela andava com dificuldades e um francês que conheceu em sua pousada ofereceu para levá-la para um vilarejo agradável, Imbassai. Foi lá na praia que ela conheceu seu parceiro atual, Roberto. Ela largou seu emprego para morar meio ano no Brasil, onde desenvolveu novos desenhos para suas bijuterias. Como já havia trabalhado com o *Foster Parents Plan*, Annemiek tinha aspirações de fazer algo pela comunidade local. Com a ajuda de Roberto, eles recrutaram cinco mulheres para ajudá-la com as bijuterias. Hoje, esse número aumentou para onze mulheres, que trabalham em suas casas e recebem um bom salário. Um final feliz para mulheres que trabalhavam em péssimas condições em uma lavanderia, seis dias por semana, em jornadas diárias de 12 horas para ganhar míseros oitenta euros por mês. “Agora elas podem conciliar seus horários de trabalho com a criação dos filhos. Eu quis dar a elas esta oportunidade”, afirma Annemiek. Uma parte de sua coleção está exposta desde 24 de setembro na galeria Lous Martin, em Delft.

Mas seu envolvimento no projeto não parou aí. Em Diogo, onde mora seis meses por ano com Roberto, há vários hotéis e uma grande procura por pessoas que falem inglês e saibam usar um computador. Os hotéis recrutam seus funcionários em cidades como São Paulo e Salvador, uma situação de certa forma absurda. Ela faz mais um comentário bem-humorado: “Não é minha intenção que essas mulheres passem a vida inteira fazendo bijuterias para mim, por isso começamos a dar aulas de inglês para que tenham melhores condições no mercado de trabalho. Eu tive a sorte de ter tido uma boa educação e quero compartilhar minha experiência com outras pessoas. Tudo isso combinado resulta em um CV pouco usual. Em termos simbólicos, preciso costurar as partes do CV.” Infelizmente, as aulas de inglês foram interrompidas, mas há planos de criar uma instituição para dar à iniciativa uma forma mais profissional.

O ateliê de bijuterias, por sua vez, está em franca expansão e em meio ano ela já havia ganho a confiança das mulheres. Hoje, Annemiek tem uma sócia, Pascale Piket, que a ajuda a gerenciar os negócios. No ateliê, ela tem ainda uma coordenadora treinada por ela mesma, que assegura a eficiência na entrega dos pedidos. Mas ela continua tendo dificuldades em vender as bijuterias no Brasil, onde é difícil definir preços de venda. Os materiais usados são pedras semi-preciosas e cordões reciclados de pneu de automóveis e amarrados uns aos outros. Esse cordão é tão resistente que é usado até pelos pescadores em suas redes.

Annemiek tem dificuldades em descrever suas próprias bijuterias, mas conta suas fontes de inspiração. Sua cor preferida é o verde, como o colar que está usando hoje. “O interessante é que minhas bijuterias são bastante versáteis, e podem ser usadas como cinto ou como colar. Na Holanda, as pessoas usam colares sempre na frente e nunca penduram nas costas, o que acho mais interessante.” O que não falta é inspiração: “Vejo um material e logo me vem uma idéia. Então junto tudo isso para criar uma peça sólida.” Como exemplo, ela mostra uma bijuteria muito original: um colar com vários cordões pendurados que pode ser usado como um “vestido”, pendurado tanto na frente como nas costas. No momento, ela tem sete coleções batizadas com nomes misteriosos e exóticos — tais como *Wicked Waterfalls*, *Brasil Bands e Prosperous Pearls*. As idéias para novos desenhos são discutidas com todo o grupo: “Sentamos debaixo de uma árvore para discutir os detalhes!”

Annemiek se considera uma idealista? “Sim, mas não sou nenhuma Madre Teresa de Calcutá! Sou idealista porque senão teria continuado em um emprego seguro. Acima de tudo, quero transformar minhas idéias em realidade. Não estou preocupada em ganhar muito dinheiro e sim em ter uma vida confortável. Meu desejo é, não apenas buscar inspiração e materiais, mas também contribuir de alguma forma na comunidade.” Estas são palavras de alguém que encontrou seu objetivo na vida, embora ela responda que ainda não pode viver apenas disso. Ela ainda precisa fazer trabalhos temporários na Holanda e quando está no Brasil, gasta dinheiro em gasolina e em medicamentos para doentes. Neste ponto, ela é sincera: “Não sou exatamente sensata. Às vezes, minhas amigas dizem que preciso pensar em mim mesma, mas os negócios no momento estão indo bem então continuo fazendo assim.”

Deixar a Holanda para sempre não passa pela sua cabeça. Ela tem amigos, família e todas as possibilidades que Amsterdã oferece, sem falar nas boas condições sociais. Ao nos despedirmos, permanece a primeira impressão de que as mudanças em sua vida aconteceram de forma muito natural, assim como a impressão de que ela não se sente totalmente em casa na Holanda. Afinal, uma recepção calorosa como a dela em um primeiro contato não é algo tipicamente holandês!

Para maiores informações visite: www.avedesign.nl
Exposição Cross-Over, até 5 de novembro
Galeria Lous Martin: Kromstraat 3, Delft
tel. 015-2132697